

Apresentação: Educação e Estudos Pós-Coloniais

A construção do processo colonial implicou na elaboração de uma complexa maquinaria voltada não apenas para a dominação pura e simplesmente, como também para a construção das diferenças e em sua utilização na redução do outro. Boaventura de Sousa Santos (2007, 2008, 2009) tem demonstrado como a dominação colonial produziu e produz um desperdício das experiências humanas, propondo em seu lugar seu alargamento por meio da Sociologia das Ausências e das Emergências, nessa mesma direção Edgard Lander (2005) tece uma substancial crítica ao que ele denomina de colonialidade do saber, substanciada por meio da visão eurocêntrica de mundo elaborada nos últimos séculos. Nesse sentido, podemos afirmar que a crítica pós-colonial tem buscado minar esse discurso que se pretende hegemônico, e que está profundamente imbricado com as relações de poder e de dominação existentes.

Neste cenário a Educação ocupa um espaço privilegiado no processo de colonização do saber e de redução das experiências humanas, não seria possível pensarmos a máquina colonial desvinculada da elaboração de um sistema de ensino, responsável pela incorporação de valores e predisposições colonizados. Paulo Freire (1921-1997) possui nesta seara um papel decisivo na elaboração de uma crítica consistente não apenas à instituição escolar, como também à prática pedagógica como um todo, propondo em seu lugar uma pedagogia que possibilitasse uma emancipação humana, sendo um marco para a tanto a publicação do livro “Pedagogia do Oprimido” (1987 [1968]).

Esse novo número da REALIS na forma de dossiê intitulado “Educação e Estudos Pós-Coloniais” buscou agregar uma série de trabalhos que analisassem a educação a partir de uma perspectiva crítica que fomentassem um questionamento em torno do saber colonizado, em suas múltiplas possibilidades, o que incluiu uma compreensão alargada de educação, que estava muito além da escolarização em seu sentido estrito.

Nos últimos anos tem crescido o interesse pelos estudos pós-coloniais no campo educacional, o que tem sido realizado por meio de leituras transdisciplinares nas quais autores das Ciências Sociais, e das Ciências Humanas de forma mais ampla, são acionados, tal movimento pode ser observado tanto nos países da América Latina quanto em outras partes do mundo.

Este dossiê teve a preocupação de ser essencialmente polifônico, o que já é uma marca

dos números temáticos da REALIS, abarcando uma pluralidade de perspectivas que estivessem em afinidade com a proposta editorial do periódico e da chamada realizada.

Abrindo este número temos o trabalho de **Antonia Darder** intitulado “Freire and the Formation of Critical Awareness”, no qual a autora explora a obra de Paulo Freire focando nos conceitos de conscientização e consciência crítica, que assumem um significado específico para o educador pernambucano ao se relacionar com a ideia de práxis, que possibilita o desenvolvimento da consciência emancipadora. Penso que este debate é especialmente importante para o campo educacional na medida em que nos possibilita lançar novos olhares sobre o legado de Freire, que por sua vez converge com as temáticas que têm ganhado fôlego nos últimos anos no debate pós-colonial, especialmente na América Latina.

Também no lastro da obra de Freire **Thiago Ingrassia Pereira** em “Epistemologia Freireana e Pós-Colonialidade” remota questões que estão postas no campo da Educação Popular pensando sua contribuição para a educação de forma mais ampla, encarando a obra de Freire como aquela que pode ofertar subsídios ofertando premissas teóricas que oportunizam a (re)construção do conhecimento a partir da realidade concreta das classes populares, o que é realizado em diálogo com a chamada “pesquisa participante”. Este artigo toca, portanto, numa das questões mais caras à discussão pós-colonial que diz respeito ao “giro epistemológico”, à capacidade de repensar os fundamentos da produção do conhecimento, o que é especialmente caro ao universo educacional, tendo em vista os dilemas e indefinições epistêmicas que ainda pairam sobre esse campo multifacetado.

“A atitude etnográfica na sala de aula: descolonizando os processos de ensino” de autoria de **Álamo Pimentel** ao mesmo tempo articula uma discussão mais teórica com uma possibilidade aplicada do conhecimento, compreendendo a atitude etnográfica como uma possibilidade de alteração das relações que se estabelecem em sala de aula. Na medida em que o autor propõe uma outra forma de produção do conhecimento em sala de aula, há de forma bastante clara a compreensão desse *locus* não só como espaço privilegiado para a produção de novas relações sociais, como também há um *a priori*, nem sempre considerado, de que a sala de aula é antes de mais nada sitio voltado para uma aprendizagem que deve se operacionalizar a partir da produção do conhecimento, o que se distancia de uma prática que privilegia a simples reprodução do conhecimento, ao encarar a prática etnográfica como uma ferramenta que torna essa realidade possível o autor dá um salto em sua discussão na medida em que assume também um tom propositivo, o que não se divorcia da dimensão analítica do trabalho.

Luis Herrera Montero também problematiza as possibilidades de pensarmos uma

“descolonização” da sala de aula o que é trazido em “El valor epistémico-pedagógico de la experiencia en la formación y ejercicio profesional de la antropología aplicada”, partindo da investigação realizada junto aos estudantes de antropologia aplicada da Universidade Politécnica Salesiana em Quito, Equador. Nesse artigo podemos observar a relevância da questão da experiência enquanto elemento que dialoga com os conhecimentos científico, creio que esta questão trazida pelo autor nos possibilita perceber de forma mais evidente aquilo posto por Santos (2008, 2009) em sua posição “contra o desperdício das experiências” que se encontram, evidentemente, para além da questão individual.

“Sociologia da Educação e a Sociologia das Ausências e das Emergências: um diálogo possível?” de **Amurabi Oliveira** é um ensaio que busca analisar as possibilidades de convergência entre a Sociologia da Educação desenvolvida no Brasil e a Sociologia das Ausências e das Emergências tal como proposta por Boaventura de Sousa Santos, o que é realizado apresentando esse campo no Brasil e sua agenda de pesquisa, que se voltaria principalmente à investigação sobre a relação entre escolarização e a produção (e reprodução) das desigualdades sociais, bem como a proposta da Sociologia das Ausências e das Emergências, indicando por fim como ele vislumbra tais convergências.

Ana Vieira e **Ricardo Vieira** partem de uma discussão que ainda avança timidamente na América Latina que é a das “Mediações Sociopedagógicas”, mas que tem ganhado cada vez mais visibilidade e interesse por parte dos pesquisadores, em “Pedagogia Social e mediação sociopedagógica como processos de emancipação: investigação e ação em escolas portuguesas”. Neste trabalho os autores parte de uma investigação realizada na região central de Portugal, situando as questões que se colocam para os professores e para os Profissionais Superiores de Trabalho Social (PSTS) que encontram-se para além da dimensão estritamente educativa, neste sentido a mediação sociopedagógica emerge como uma possibilidade à educação homogeneizadora. Também aqui há um tom analítico e ao mesmo tempo propositivo com relação à educação, que considera a complexa realidade existente no universo educacional.

Partindo também de um recorte empírico, **Pâmela Marconatto Marques** e **Maria Elly Herz Genro** em “Lutas descoloniais no Haiti contemporâneo: o legado radical da Universidade Pública haitiana e seu movimento estudantil” analisa a realidade da única universidade pública haitiana o que é almejado a partir de um olhar “de dentro”, tomando como referência os estudantes desta instituição de ensino, o que possibilita ao leitor, especialmente o brasileiro pouco familiarizado com essa realidade, a superação do estereótipo

etnocêntrico que envolve as imagens produzidas sobre o Haiti. Interessante que nesse caso não apenas podemos pensar a universidade como uma possibilidade de superação colonial, na medida em que nela circulam outras perspectivas de mundo, como o próprio artigo pode ser pensado como uma ferramenta de descolonização do esteriótipo existente sobre a população haitiana.

Em “A crítica deconial das epistemologias do Sul e o contexto de constituição das coleções didáticas do PNLD-Campo/2013” **Filipe Gervásio Pinto da Silva** e **Janssen Felipe da Silva** articulam o pensamento decolonial latino-americano com a Sociologia das Ausências e das Emergências para analisar a coleção didática do PNLD-Campo/2013. Os autores realizam uma interessante análise de tal coleção ao pensarem os livros didáticos como um espaço atravessado pelas lutas decoloniais dos povos camponeses, que passam a substanciar parte de suas demandas também nas políticas educacionais. Acredito que uma das grandes contribuições desse trabalho reside tanto na leitura que realizam dos livros didáticos, e das políticas educacionais, enquanto espaços de disputas decoloniais, quanto na aproximação com o debate das políticas públicas.

Fatin AbuHilal e **Ayman Abu-Shomar** aproximam-se de um campo que tem capitaneado as discussões sobre os estudos pós-coloniais: a literatura, no entanto isto é realizado problematizando o processo de ensino de literatura pensando tanto a questão do colonialismo quanto do americanismo, nesse contexto os autores refletem em torno de uma proposta pedagógica que possibilite a partir do ensino da literatura um processo real de descolonização. Este trabalho amplia a discussão em torno da relação entre educação e estudos pós-coloniais na medida em que traz esse diálogo com a literatura, mais que isso, volta-se para as possibilidades que o ensino possui para a prática decolonial.

Por fim temos a resenha realizada por **Peter Mayo** do livro *Freire and Education* de autoria de Antonia Darder, o que é algo bastante interessante para os leitores do Brasil e da América Latina na medida em que nos possibilita ter acesso a outras leituras que têm sido realizadas do trabalho de Freire.

Espero que os leitores tenham uma agradável imersão na discussão sobre Educação e Estudos Pós-Coloniais.

Florianópolis, março de 2015

Amurabi Oliveira

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LANDER, Edgard. Ciências Sociais: saberes locais e eurocêtricos. In: _____ (org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO: Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005.

MARTINS, P. H. O ensaio sobre o Dom de Marcel Mauss: um texto pioneiro da crítica decolonial. **Realis Revista de Estudos Antiutilitaristas e Poscoloniais**, v. 3, n. 2, p. 1-16, 2013.

SANTOS, B. de S **A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social**. São Paulo, Boitempo, 2007.